

NEGOCIAR EM NOME DO CÉU

José Eduardo Franco

Doutor em História pela “École des Hautes Études en Sciences Sociales” de Paris e autor do livro "O Mito dos Jesuítas: em Portugal, no Brasil e no Oriente (séculos XVI-XX)" (Gradiva, 2006). Atualmente é diretor do Centro de Literaturas de Expressão Portuguesa da Universidade de Lisboa.

ASSUNÇÃO, Paulo de. **Negócios Jesuíticos: O Quotidiano da Administração dos Bens Divinos**. São Paulo: EDUSP, 2004.

A Companhia de Jesus é, sem dúvida, desde a modernidade uma das instituições mais dinâmicas e mais intrigantes da história ocidental. Este inegável lugar de relevo alcançado pela Ordem de Santo Inácio de Loyola deveu-se quer à acção espiritual desenvolvida, a partir da Europa, em vários quadrantes do globo no quadro da consolidação do expansionismo marítimo português e espanhol, quer à influência política exercida junto dos governos e das elites do poder, quer devido ao trabalho intelectual largamente possibilitado pela multiplicação das suas escolas, colégios e outras instâncias de formação, quer ainda ao intercâmbio cultural entre diversos povos e religiões que a sua itinerância missionária estimulou. Reflectindo sobre a fulgurante história dos Jesuítas, Michel Leroy, especialista francês do mito dos Jesuítas, escreveu que esta «influência fascina; mas também não deixou de inquietar»¹.

Com efeito, o sucesso meteórico desta instituição religiosa no seio da Igreja Católica e no universo das velhas cristandades europeias, aliado ao seu protagonismo na liderança do processo de evangelização em várias frentes - *ad gentes*, e também *ad intra* e *ad haereticos* - na sequência do incremento da Reforma Católica impulsionada pelo Concílio de Trento, suscitou as mais diversas leituras traduzidas em visões mistificadas e mitificadas sobre a sua natureza e acção. Ora era vista por uns como angélica, ora julgada por outros como demoníaca. Raramente inspirou juízos moderados a seu respeito. Situando-a no lado negro da realidade, uns quiseram vê-la como uma máquina de guerra lançada contra o protestantismo; outros, como uma Ordem/empresa que enriquecia desmesuradamente em nome de um ideal transcendente; outros ainda, como uma ordem secreta detentora de uma projecto de

¹ Michel Leroy, *O mito jesuíta*, Lisboa, Roma Editora, 1999, p. 7.

dominação universal. No lado luminoso, uns viram-na como uma tempestade espiritual soprada divinamente para operar a renovação da Igreja e para expandir universalmente o cristianismo; outros, como a guarda de elite do papado, eficaz para restaurar a autoridade e a unidade do catolicismo abaladas e carcomidas por lutas políticas e disputas doutrinárias no próprio seio da cristandade². Estas leituras antinómicas exprimem as diferentes percepções hermenêuticas da acção dos Jesuítas nos vários palcos da sua multiforme intervenção.

Por isso mesmo, urge, na esteira da crítica historiográfica contemporânea, fazer o estudo do percurso histórico desta instituição religiosa dentro e fora da Igreja, capaz de distanciar-se destas visões unilaterais e maniqueístas que desfocaram, à luz de motivações ideológicas tantas vezes inconfessáveis, a leitura da realidade. Ao historiador de hoje que pretenda estudar com isenção e seriedade o papel da Companhia de Jesus na história das nossas nações irmãs (Brasil e Portugal) deve ser exigida necessariamente a habilitação científica e coragem moral para se desvincular dos preconceitos herdados do passado e esforço persistente para estudar os Jesuítas em situação, isto é, integrados dialogicamente no contexto das mentalidades, das condições materiais e políticas e dos desafios mais globais das sociedades vivas do tempo em que se inseriram e com as quais interagiram. A compreensão dos Jesuítas não pode perder de vista o lugar fundamental do ideal transcendente que os movia na sua acção, como também não pode descurar a análise dos méritos, dos limites humanos e dos condicionalismos materiais ligados à concretização do seu projecto espiritual.

Esta obra de Paulo de Assunção, na linha de outros trabalhos de qualidade que já tem produzido no domínio da historiografia colonial, é um contributo importante e até ousado para a compreensão de um dos aspectos mais complexos e mais polémicos da história da Companhia de Jesus: a dimensão da sua sustentação material. O historiador inglês Charles Boxer, célebre especialista da expansão portuguesa, defendeu, em 1978, com base nos seus estudos sobre as actividades económicas da Companhia de Jesus como Ordem/empresa, que este instituto religioso foi a primeira empresa multinacional da história ou pelo menos tinha sido precursor das multinacionais contemporâneas³. Afirmação polémica que não deixa de ser devedora à genealogia clássica das visões excessivas do papel e do carácter da Ordem Inaciana, e que mais recentemente foi posta em causa por Dauril Alden, chamando a atenção para o desajustamento de semelhantes juízos anacrónicos, no seu estudo sobre a aquisição e

² Cf. José Eduardo Franco, “A visão do outro na literatura antijesuítica: De Pombal à I República” in *Lusitania Sacra*, Tomo XII, 2000, pp. 121-144; e José Eduardo Franco & Bruno Cardoso Reis, *Vieira na Literatura Antijesuítica*, Lisboa, Roma Editora, 1997.

³ C.R. Boxer, *Portuguese India in the Mid-Seventeenth Century*, Delhi, 1980, p. 50.

gestão de fontes e meios de sustentação económica da rede de obras e de actividades dos Jesuítas portugueses na modernidade⁴.

Situado neste quadro problemático, o presente livro de Paulo de Assunção desenvolve uma análise inovadora da administração dos bens realizada pelos Jesuítas no Brasil Colónia a partir de um estudo de caso (a gestão do engenho de Sergipe do Conde) com base numa vasta documentação até agora inexplorada pelos historiadores. Escrita de uma forma clara e incisiva, esta tese de doutorado faz-nos descer, de forma séria e cuidada, à realidade quotidiana da gestão dos bens de sustentação material das obras missionárias, educativas e assistenciais da Companhia de Jesus. Procurando dissociar-se das análises maniqueístas consignadas em diversas publicações, o autor descreve com precisão e rigor os métodos e as práticas administrativas dos inacianos; traz a nu os conflitos internos e externos verificados na aquisição, expansão e manutenção das fontes de rendimento desta Ordem, bem como mostra as dificuldades, os sucessos e insucessos da gestão económica, integrando as suas conclusões numa hermenêutica diacrónica da evolução e do destino da Companhia desde a sua implantação em terras portuguesas até à sua expulsão de Portugal pelo governo pombalino .

Estamos, portanto, perante uma obra de pesquisa de grande fôlego da dimensão “empresarial” da ordem dos Jesuítas realizada por um jovem estudioso que revela aqui ter estofos para vir a ser um grande historiador. Fazemos votos para que esta seja uma entre as muitas obras de vulto que Paulo de Assunção nos venha a oferecer ao longo da sua carreira intelectual para nos dar conhecer e a compreender mais e melhor o nosso passado comum luso-brasileiro.

⁴ Dauril Alden, *The Making of an Enterprise. The Society of Jesus in Portugal, Its Empire, and Beyond (1540-1750)*, Stanford, Stanford University Press, 1996, pp. 668-669.